

# TERRA

Semanário Anarquista

# LIVRE

N.º 13-1.º ANO

Director: PINTO QUARTIM

Publica-se ás 5.ªs feiras

Editor: JAIME DE CASTRO

Propriedade do grupo editor da  
TERRA LIVRE

Redação e administração  
Rua das Gaveas, 55, 1.º

Comp. e Imp. nas OFICINAS GRÁFICAS  
R. do Poço dos Negros, 8r

PREÇO 20 RS.

HOJE, COMO ONTEM!

## OUTRA VEZ JOÃO FRANCO

A historia repete-se. Atravessamos uma epoca semelhante á dos ultimos dias da ditadura franquista.

**Ontem:** o descontentamento era geral. Asficsiava-se. Os republicanos tentavam a revolução. Mas a tentativa abortou em 28 de janeiro. João Franco, dizendo que tinha comsigo a opinião publica e que procedia dentro da lei, apreendia jornais e encerrava nas prisões centenas de homens entre os quais os mais prestijiosos vultos do partido republicano. No Tejo, os navios de guerra tinham já acesas as caldeiras, preparando-se para levar para lonje os presos politicos. Em 1 de fevereiro Buiça e Costa libertavam com o sacrificio das suas vidas todos os presos e entre eles o atual chefe do governo.

**Hoje:** em 27 de abril, alguns republicanos, refletindo o geral descontentamento pela marcha dos negocios publicos, tentam uma rebelião que foi sufocada como a de 28 de janeiro. O atual ministerio, afirmando que tem comsigo a nação e que procede dentro da lei, apreende jornais, encarcera dezenas de correlejonarios seus e transporta-os para os Açores.

Entre uma e outra situação ha apenas esta diferença: Enquanto o odioso e odiado João Franco publicava o decreto de 31 de janeiro autorizando-se abertamente a deportar os presos, o democratico e popular presidente do atual ministerio, sem publicar nenhum decreto, prestidijitando com os vadios, enviou para os Açores os presos politicos com o espanto e surpresa de toda a gente.

Se não ezistisse esta diferença, faltariam apenas Buiça e Costa para o paralelo ser perfeito, para que a historia tivesse uma fiel e dolorosa repetição.

### SOBRE OS ULTIMOS ACONTECIMENTOS

## As medidas do governo

Que não demos a menor importancia á sarrafusca militarresca da madrugada de 27 de abril, bem claramente o demonstrámos na semana passada. Simplesmente noticiámos o caso num ligeiro eco e fizemos os justos comentarios na parte que respeita á attitude dos governos perante os sindicalistas: a mania de os apresentarem feitos com quaisquer politicos ou por qualquer forma relacionados com eles.

Nada mais escrevemos. E compreende-se. Em nada podia interessar-nos semelhante revolta. Qual o seu fim? Que pretendiam esses homens? Fossem quais fossem as suas intenções, tudo se resumia em aprear das cadeiras do poder o governo que nelas tem logar ainda hoje e pôr lá outro que havia de valer sensivelmente o mesmo, que havia de fazer o que fazem todos os governos: enganar, explorar, tyrannizar.

Por isso o assunto não nos mereceu reparos. Mas a sarrafusca militarresca de ha poucos dias teve consequencias: as medidas tomadas pelo governo. Entre elas ha duas que imensamente nos interessam. Interessam-nos pela violencia que em si trazem e servem-nos para

mostrarmos mais uma vez, iniludivelmente, que as leis são letra morta sempre que as autoridades resolvam pinchar por cima delas e que os direitos consignados nos papeis se reduzem ou desaparecem por completo — segundo o arbitrio dos governos ou pela *vontade soberana* dos parlamentos — sempre que esses direitos não tenham raizes nos cerebros dos homens, sempre que foram *concedidos* como uma *dadiva* e não *conquistados*, sempre que não haja quem os faça respeitar, quem contenha no seu impeto a pata da autoridade.

E essas duas medidas foram: o encerramento da Casa Sindical e a apreensão de jornais. A primeira é uma violencia, um atropelo sem nome ao direito de associação. A segunda é o estrangulamento da liberdade de imprensa feita com as mãos de ferro da monstruosa lei de 9 de julho de 1912 — lei que um parlamento de descebrados e de maus aprovou sem corar e sem reparar que a sua propria imprensa podia soffrer os golpes dessa arma terrível sempre que um governo qualquer a quizesse manejar á vontade.

No primeiro caso ha o arbi-

trio, o arbitrio claro, manifesto, iniludível. A autoridade encerrando a Casa Sindical, ou encerrando por esse paiz fóra quaisquer associações, salta por cima da lei, e anula os direitos concedidos. No segundo caso ha o arbitrio mascarado. A autoridade apreendendo jornais, escudada com a lei de 9 de julho de 1912 — lei que vigora em virtude da *vontade soberana* do povo... — reduz ou faz desaparecer por completo a liberdade de pensamento, obrigando os jornalistas a escreverem *como ela muito bem entender e quizer*, ou continuando sistematicamente a ordenar a apreensão se eles não se vergam ás suas determinações.

Em qualquer dos casos é o arbitrio que impera, o arbitrio desenfreado.

\*

Mas porque aconteceu tudo isto? Porque é que o governo assim procede sem que haja nada que justifique as suas arbitrias e violentas medidas?

E' simples; bem simples responder. E' que a liberdade de pensamento, de associação, de pensamento, é que os direitos varios se encontram simplesmente nos papeis e não nas consciencias. E' que não ha uma força que se oponha, que pateie e faça cair esta peça que aí se está representando — misto de farça e de tragedia. E'

que estamos num país absolutamente filocserado.

Sim; parece que tudo dorme a sono solto, que toda a gente adormeceu para sempre ou que sofre resignadamente, passivamente, ignobilissimamente toda a tyrannia dos governos.

Os jornais apreendidos! A Casa Sindical encerrada!

E que faz perante tudo isto o operariado organizado? Não faz nada...

E nós temos que dizer-lo bem francamente que enquanto o operariado e nós todos consentirmos semelhantes atropelos e violencias, enquanto fomos incapazes de suster no seu impeto a pata da autoridade que nos quizer calcar, lonje está o operariado do seu campo de ação revolucionaria e da possibilidade de conquistas importantes e duradouras e nós todos da liberdade que nos é necessaria e do respeito que requerem as ideias humanissimas que defendemos e propagamos.

...E teremos assim que reconhecer tambem que neste povo — neste povo que por vezes tem tido manifestações de vida e de energia mas que parece ter caído definitivamente na passividade do *não ter a-les* — facil será a qualquer homem esperto ou mesmo a qualquer policia boçalissimo ser um despota sem igual.

E para isso basta que se asente no poder.

## DO NATURAL

... Toda curvada sobre o seu nodoso bordão, a triste e andrajosa velhinha subia, pausadamente, o passeio da ingreme e acanhada ladeira, parando, repetidas vezes, a descansar.

A certa altura, quis atravessar a calçada; mas, toda sacudida duma grande tremura, não se afoitava, apesar do apoio do seu inseparável bordão, a descer do estreito empedrado.

Em sentido oposto, vinha, nesse momento, uma deliciosa mulher — uma loira Ana d'Austria de orgulho e de beleza — dando a mão irrepreensivelmente enluvada a um bonito rapazinho vestido pelo ultimo figurino infantil, — seu filho, talvez. E ambos se afastaram, com visível repugnância, da miserável velhinha, irradiando das suas cuidadas pessoas um inebriante perfume aristocrático.

Então, uma pequenita dos seus dez anos, quando muito, rota e descalça, mas linda e graciosa como um lírio silvestre, parou junto dela, por alguns instantes, olhando-a, recolhida e grave, com os seus grandes olhos aveludados de pervinca; e, compreendendo, em fim, o seu inútil intento, de pronto lhe estendeu, piedosamente, docemente, a sua pequenina mão...

JOSÉ BACELAR.

## Factos e comentários

## Opinião insuspeita

Entrevistado pela *Capital* dizia no ano passado, a respeito da lei de 9 de julho de 1912, o deputado Padua Correia as seguintes justiceiras palavras:

«As três leis mais nocivas á liberdade de imprensa, a de Costa Cabral, a de Lopo Vaz e a de João Franco ficam lavadas e branqueadas pela presente monstruosidade.

«Não me admiro que, dentro de dez ou vinte dias, se comecem a apreender folhas que transcrevam as frases dos chefes republicanos em matéria de liberdade de imprensa e de opinião.

«O que, porém, me deixa suspenso é a passividade do publico. Como a liberdade não é genero de primeira necessidade, e dessa opinião são todos os animais domesticos, exceto a mosca, os golpes que á liberdade se jogam deixam o povo indiferente. Mau symptoma, e pior ainda o dos jacobinos ferrenhos começarem agora a puxar, nas doutrinas, para o conservantismo.»

Infinita razão tinha, ao dizer isto, o deputado democrático e ilustre e brilhante jornalista. Se a morte o não houvesse levado, ele teria agora a plena verificação das suas palavras na atitude do chefe do partido a que pertenceu. Enganou-se apenas no tempo. Não foi ao cabo de dez ou vinte dias. Foi ao cabo dalguns mezes...

## O 1.º de Maio

Passado outro 1.º de maio. Houve, como nos outros, manifestações com bandeiras e estandartes, merendas com acompanhamento de musicas, discursos, aplausos entusiasticos, etc. etc. Um dia de festa, emfim! Depois, novamente a trabalhar, a suar, a padecer, a morrer de angustia sob o olhar inquisitorial do burguez, plenamente satisfeito pelo sensato comportamento dos seus miserimos escravos...

Em Portugal, a manifestação do 1.º de maio decorreu excessivamente frouxa, para o que muito concorreu o despotismo governamental, fazendo encerrar a casa onde está instalada a união das associações.

No entanto, lá houve a costumada romaria aos cemiterios, procissão operaria, cantoria, passeios ao campo, merendas ao ar livre e vinho em abundancia... o que tornou ainda subsistente o que já em 1898 dizia, acertadamente, Teixeira Bastos no seu livro *O 1.º de Maio*, a pagina, 59; «Talvez

em nenhuma parte do mundo as manifestações do 1.º de maio adquiriram a intensidade sentimentalista e revestiu tanto a forma simbolista e quasi cultural que entre nós tomaram».

Certo é que o nosso operariado não pode comemorar como queriam os seus mais conscientes orientadores, a data em questão. A isso se opõe, infelizmente, a sua falta de educação revolucionaria.

## O presidente do ministerio e a imprensa

*O presidente do ministério* — «Não perdemos nunca a serenidade, nem mesmo no actual momento ela se perdeu e tudo quanto fizemos foi ponderadamente feito.

Vamos a ver se na próxima semana os jornais não são outra vez apreendidos, se os jornalistas os sabem escrever de maneira a o governo não ter novamente que intervir.

Mas infelizmente isso não acontecerá porque os inimigos da República sabem bem quanto lhes aproveita a suspensão desses jornais e por isso mesmo tratarão de os escrever conforme lhes convier. Não se admirem, pois, que o governo ezeça seguidamente sobre eles o direito de nova apreensão.» (Na sessão da camara de 5 de maio de 1913).

A *Capital* — «O sr. presidente do ministerio, como o sr. dr. Antonio José d'Almeida, tiveram rasgos brilhantes de elocuencia e de afirmações patrioticas nos discursos que proferiram. Mas é de lamentar que nem sempre mantivessem aquela serenidade de espirito que deve manifestar-se perante as circunstancias de momento, afastando das suas palavras inúteis propósitos de melindre e prejudiciais afirmações de agravo.

Não houve, como tem sucedido, de resto, tantas vezes, o justo equilibrio na defeza e no ataque. As tendencias combativas manifestavam-se com uma vivacidade que melhor empregada fôra na acalmação dos animos, dissipando-se essa atmosfera de intranquillidade que principia a rodear-nos e que só pôde aproveitar aos inimigos da República.» (5 de maio de 1913).

Gomo vêem os leitores, não há nada mais elucidativo. Este confronto de prosas põe tudo muito a claro. O presidente do ministerio — que, no dizer d'ele, *nunca perde a serenidade* — apreende os jornais por os jornalistas não sabêrem ou não querearem escrever dentro da lei (por não escreverem como elle quer).

A imprensa, por outro lado, começa a lamentar que o presidente de ministros não tenha *serenidade* quando fala, que se desmande e agrida.

Porque não se habituará s. ex.ª a *falar dentro da lei*?... Bom-será que isto succeda, não vá algum policia apreender o presidente do ministerio... visto não ser possível apreender as suas palavras...

## Como o povo é roubado

A imprensa de todos os partidos do estrangeiro tem vindo ultimamente desnudando, com larga copia de pormenores, os extraordinarios escandalos passados nas adminlstrações dependentes dos ministerios da Beljica e da Alemanha. Aqui, o deputado Socialista Libnecht, num discurso que causou sensação, acusou a casa Krupp, fabricante de armas e canhões, de subvencionar e corromper funcionarios militares e civis dos ministerios da guerra e da marinha e de pagar fabulosas quantias, etc., a fim dos primeiros lhe arranjassem rendosas encomendas e os segundos manterem uma forte propaganda a favor da guerra.

Na Beljica, pelo inquerito a que se está procedendo, descobriu-se, entre outras coisas não menos edificantes, que uma encomenda de canhões, feita á casa Krupp, foi paga por 4.700.000 francos, quando os mesmos canhões poderiam ser pagos apenas por dois milhões!

Assim é desperdiçado o dinheiro do povo que trabalha e morre de fome

pelos honrados defensores da *Patria* e seus acolitos!...

## Ai! como eles são burros!

*Um grupo de brasileiros* fez publicar nas *Novidades* de 1 do corrente um protesto no qual afirmam que os anarquistas estão movendo *uma campanha* contra o Brazil, por motivo da emigração de trabalhadores para aquele país.

Ai! como eles são burros!

Os anarquistas não combatem o Brazil: combatem, sim, os infames exploradores da ignorancia e da miseria do povo d'aquella rejão, e dos que para lá vão iludidos por engajadores em busca de trabalho e de melhores dias, como combatem os exploradores de todo o mundo. E o facto dessa campanha ser feita por anarquistas só prova o desinteresse e a sinceridade que á mesma presidem. Se fosse mantida por politicos, então, sim, havia todas as razões para supor que ella obedecia a quaisquer intuitos menos dignos.

Mas, porque anarquistas a levantaram e anarquistas a sustentam, nessa campanha nenhum interesse pode haver que não seja o de vergastar as faces dos desumanos exploradores e algos dos pobres.

Ai! como eles são burros!

## A lepra neo-maltusiana.

Segundo referem as folhas, o deputado Nunes Godinho reclamou do governo enerjicas e immediatas providencias contra os boticários que anunciam medicamentos para evitar a procriação, ao que o presidente do ministerio respondeu que, realmente, a propaganda da despopulação está a pedir a intervenção do Estado...

O Estado quer filhos com abundancia para os esportar para o Brazil. Ainda havemos de o ver tornar obrigatório o casamento precoce é fecundo, coelheçamente fecundo, se não fôr verdade ter o sr. Afonso Costa dito que quem não quer filhos não case... Porque, se isto é verdade, aqui temos um homem d'Estado a preferir ao casamento es'éril, ou limitadamente fecundo, a prostituição e o onanismo!...

O chefe do governo apelou ainda para os clinicos, afim de acabarem com tal lepra».

Achamos bem, e nêsse caso aconselhamos o sr. Afonso Costa a recorrer aos especialistas. Se não lhe servir o dr. Egas Moniz, tem na camara, entre os deputados do seu partido, o dr. Anjelo Vaz, cuja tese de doutoramento foi precisamente... uma calorosa defêsa da lepra neo-maltusiana...

## Um prédio que desaba.

No passado domingo desabou um prédio, em via de conclusão, no Alto do Pina. Ficaram três operários mortos e outros três feridos.

Atribue-se o desastre a um tremor de terra. Mas parece, porém, que elle teve orijem nas péssimas condições materiais em que esse prédio, como na maioria dos que se encontram edificando por essa cidade, estava sendo construído. Todos nós sabemos o nenhum escrúpulo com que os fazem gananciosos empreiteiros, empregando insuficientes materiais da mais inferior qualidade, a fim de os vendêrem pelo mais alto preço possível. Mas o que se torna, na verdade, duplamente censurável é o facto dos operários se não recusarem á construção desses prédios em tais circunstancias e que, em régra, são destinados ás classes pobres. Se assim procedêsem, seis homens não teriam agora sofrido as consequencias da tórpe ambição burgueza.

## Será trôça?

Do nosso colega *A Revolta*, de 4 do corrente:

«O governo determinou que, a começar em julho, o pão de 500 gr. que se vende a 45 réis, passe a ter 555 gr. e custe 50 réis.»

Isto é, o pão que até aqui custava a 90 réis o quilo, vai custar, de julho em diante, a mais de 90,09 réis o quilo

Por muito falho de juízo que ande o presidente de ministros, não acreditamos que elle *caisse* em troçar com os que têm fome.

Não, *A Revolta* deve estar mal informada. Porque, de contrário, essa medida podia sair cára ao seu autór.

## Uma expulsão.

D'A *Luta*, de 1 do corrente, sôb o título acima:

«Dizem os jornais, que o filósofo revolucionário Kropotkine foi espulso da Suissa. E' possível, mas só acreditamos quando se tivêrem passado 8 dias pelo menos por sôbre o facto da expulsão. Kropotkine é uma das mais altas mentalidades do nosso tempo, e a Suissa é uma terra de gente liberal e ilustrada. A expulsão do filósofo seria uma violencia estúpida, de que reputamos incapaz aquella intelijente, honrada e laboriosa República.»

Pois sim, mas apesar de ser inteligente e honrada, um grande número de anarquistas têm sido expulsos daquela *ilustrada* República e vítimas, por parte do respetivo governo, das mais ferozes perseguições, como Grave e outros...

O facto, a ser verdadeiro, pela maneira como fala *A Luta*, não se daria em Portugal. Pois pômos-lhe as nossas dúvidas, cá por coizas...

## Crónica internacional

## NA RÚSSIA

a situação da imprensa não é das mais invejáveis... Segundo a estatística publicada pelo jornal *Rietch*, durante o mês de março, 30 jornais e revistas pagaram multas cujo total se eleva a 16:350 rúblos (perto de 9 contos), e fôram apreendidos 40 jornais, sendo processados os seus redatores.

— Continuam as torturas nas prisões. Na da Riga, em fins de setembro último, dois presos politicos, Merin e Limofejeo, este último de 18 anos de idade, fôram açoitados, amordaçados, suspensos pelos órgãos sécsuais, depois de lhes têrem sido arrancados os cabelos e quebrados os dentes. Na de Tobolsk, as feridas dos açoitados são cauterizadas com sal. O açoite é feito de pedras cozidas num sacco! Na de Kutoisa, a 8 de janeiro, o sub director inflijiu todas as espécies de tormentos a um fraco de espirito, Eugenio Dvali. Na de Sekaterinoslava, como se provou no tribunal, cinjia-se a cabeça dos presos em aneis de ferro. Na de Oria, os carcereiros divertem-se a deixar cair de alto no lajêdo os presos atados uns aos outros e a bater-lhes nas costelas com chaves. Na prisão «modelo» de Schlüsselburgo, os presos são esbordoados, como dos outros cárceres, de S. Petersburgo ou de Moscova.

— Para esplicar a prisão de numerosos estudantes dos dois sécsos, em S. Petersburgo, a policia inventou um *complot*. Devido ao odioso e insupportavel réjime escolar, repetiram-se, há algum tempo, os suicidios de estudantes. Esplicação policial: entre os estudantes, existia um «clube de suicidas»! Depois, este clube imaginario foi dotado, sempre pela fantasia policiésca, duma imprensa clandestina para proclamações sediciosas e convertido em «associação escolar socialista revolucionaria», com séde central na capital e secções por toda a Rússia. As buscas domiciliárias nada deram; não se descobriu manifesto algum; mas isso não embaraçou a policia, que, na Rússia como em todo o mundo, tem para os tramas e maquinações infames uma imaginação fertilissima.

## AVISO

A nossa administração encontra-se aberta todos os dias uteis das 19 horas ás 22 e aos domingos das 13 ás 16 horas.

## CONGRESSOS REJIONAIS

## Inquerito sobre as condições do operario

## A iniciativa d'O SECULO

oferece uma ocasião oportuna para se conhecer a verdadeira situação das classes trabalhadoras do país e adquirir uma base sólida para as reclamações a ezijir aos que tudo teem pelos que nada possuem

Envia-nos a empresa de *O Seculo* uma circular em que nos comunica ter o mesmo jornal tomado a iniciativa da realização, em todos os distritos do país, de congressos rejionais, destinados a avaliar das necessidades e recursos do mesmo e a submeter, tanto aquelas como estas, á apreciação e ao estudo do parlamento. Para levar a efeito a sua iniciativa, apela o referido jornal para todas as boas vontades, para todos os que desejem cooperar na solução dos problemas de que depende o progresso da terra portuguesa.

Aceitavel pelo seu objetivo, — o melhoramento da vida nacional nos seus multiplos aspectos, — achamos a ideia de improficuos resultados, dada a sua fatal subordinação aos lejiferantes do país. Não é com leis que se ha de melhorar a ezistencia dum povo. Todos nós sabemos o que elas valem e o que elas representam, por melhores e mais beneficadas e mais sabias que á primeira vista pareçam. Partem da lei os males de que todos enfermamos e, assim, ocioso se torna dizer que iludido se encontra quem lhe pede a extinção desses males.

Um lado bom, porém, nos oferecem esses congressos: o conhecimento ezato da situação economica nacional. Neste sentido, nada se tem feito. Ha uma falta absoluta de trabalhos e de estatísticas sobre o assunto. Por isso, e só por isso, achamos digna de ser secundada por todos os estudiosos, por todos os que se interessam pela solução do problema social, a iniciativa do *Seculo*. As colêtividades operarias podem, intervindo na obra desses congressos, colher magnificos elementos de estudo para mais acertada e proficuamente ezercerem o papel que lhes compete. Muitos dos pontos a tratar revestem especial interesse para o operariado e ninguem, melhor do que os proprios operarios, poderia discutir e estudá-los.

Sob este aspeto, achamos realmente proveitoso a realização do inquerito que o *Seculo* se propõe fazer ao país por intermedio dos congressos rejionais.

Já em 1907 o nosso estinto colega *A Conquista do Pão* tomou a louvavel iniciativa dum inquerito sobre as condições de ezistencia do operariado português. Esse inquerito, po-

rém, não deu o resultado preciso, já pela reduzida publicidade daquele jornal, já pela indiferença com que o acolheu o proletariado de então, muito mais avesso, infelizmente, do que o atual, a cuidar dos seus interesses e das suas lejitimas reivindicações. Ora, dadas estas circunstancias, parece-nos que o *Seculo*, dispondo, como todos sabem, duma larga publicidade, verá a sua ideia coroada de bom exito. Mas, pelo que ao operariado toca, na sua realização, julgariamos eminentemente util e proveitoso que nos congressos propostos pelo *Seculo* se aproveitasse a iniciativa da *Conquista do Pão*, procedendo-se, em cada localidade, ao inquerito por aquele nosso colega apresentado, pois nos revelaria, de um modo ezato e preciso, qual a situação em que se encontram as classes trabalhadoras do país.

Ei-lo:

**Salarios.**

Por jorna:

— Quanto recebe cada operario?  
— Se ha categorias, cada categoria?  
— Operaria?

Se ha categorias, cada categoria?

— Menores de 15 a 10 anos?

Se ha categorias, cada categoria?

— Menores de 10 anos?

Se ha categorias, cada categoria?

A' empreitada:

— Quanto recebe por semana, cada operario?

— Operaria?

— Menores de 15 a 10 anos?

— Menores de 10 anos?

**Multas.**

Ha?

Qual o modo de as aplicar?

A favor de que revertem?

**Duração do trabalho.**

Quantas horas por dia:

— Operarios?

— Operarias?

— Menores de 15 a 10 anos?

— Menores de 10 anos?

Quantas horas para as refeições?

Ha trabalho toda a semana, incluindo o domingo?

**Trabalho de noite.**

Ha? quantas horas?

E' para todos? Ou é por turnos?

Ha aumento de salario? quanto por cada hora a mais?

**Suspensão de trabalho.**

Ha épocas?

Durante que tempo? E que estação?

**Aprendizagem.**

Ha?

Está sujeita a qualquer remuneração paga aos mestres ou patrões?

**Alimentação.**

Qual a diaria de cada operario?

De que consta?

Preços dos generos de primeira necessidade:

— Pão? Carne? Peixe? Criação?

Legumes? Raizes alimenticias? Banha ou manteiga? Café? Leite? Azeite?

Agua?

**Aquecimento e iluminação.**

Preços:

— Lenha? Carvão? Petroleo? Outra substancia?

**Habitação.**

Preço médio de cada compartimento?

Condições hijienicas? Janelas? Estado de conservação? Esgotos? Telhado forrado? Sobrado? Lajedo? Terreo?

**Agremiações, associações ou cooperativas operarias.**

Eziste alguma? quantas?

Seus nomes? seus fins?

Condições de ezistencia? Numero de associados?

Quanto paga cada socio?

**Caixas de socorros.**

Ha alguma? quantas?

Para doença? Para desastres? Para orfãos e viúvas? Para reforma de velhos ou inabilidade?

Os patrões contribuem para ela?

Quanto paga cada socio?

Está próspera?

**Escolas operarias.**

Ha alguma? quantas?

Suas condições de ezistencia e prosperidade?

**Fabricas ou oficinas.**

Quantas ha?

Qual o numero, por categorias:

— De operarios em cada uma?

— De operarias?

— De menores de 15 a 10 anos?

— De menores de 10 anos?

**Condições de saúde dos operarios.**

Boas? Más?

Qual a doença mais frecuente? Ha muitos tuberculosos?

Qual a média anual de mortes?

— Homens? Mulheres? Crianças?

**Desastres.**

Ha muitos? qual a média por ano?

No caso de desastre no trabalho, os patrões socorrem as vitimas?

**Analfabetos.**

Quantos ha?

— Homens? Mulheres? Crianças?

**Esploração das fabricas ou oficinas.**

Por quem é feita?

Por sociedades anonimas? Neste caso, qual o ultimo dividendo?

Por sociedades em nome colêtivo?

Em nome individual? Nestes casos, qual o lucro anual provavel.

**Mercado ou mercados.**

De ordinario, onde são colocados os produtos?

**Reivindicações operarias.**

Os operarios promoveram já algum movimento para melhorar a sua situação?

Quando? Durante que tempo? E qual a sua natureza ou motivos?

Quais as suas reivindicações?

Foram vencidos ou vencedores? Total ou parcialmente?

Quais os motivos presumiveis por que não venceram?

Como se vê, seria esta a melhor maneira de se conhecer, com a precisão desejada, a situação do operario português e, para este, uma solida base para as suas reivindicações.

Com palavras e sómente palavras se tem perdido muito tempo. E' ocasião de entrarmos no terreno sempre fecundo dos factos. O questionario acima transcrito objêtiva-se em *factos* contra os quais nada poderão valer os mais artificiosos argumentos.

E' preciso que o operario se interesse, a valer, pela sua causa, que se torne *consciente* da sua situação. Para isso, deve pôr de parte, por completo, a sua nociva e esteril verborreia, substituindo-a pelos factos. A sua e a dos politicos...

**A vida é cara****A questão do pão e os protestos operarios**

As lutas entre politicos para a conquista do poder não conseguiram, felizmente, fazer desviar a atenção do operariado das questões que o interessam como classe, das lutas, muito diversas das dos politicos, que ele tem que sustentar constantemente seja para manter a sua atual situação, seja para a melhorar um pouco, ou seja finalmente para a conquista da sua integral emancipação. Assim é, que o grupo Emancipação Humana da Federação Anarquista da Rejião do Sul, promoveu no passado domingo, 27 de abril, ezatamente no dia em que as lutas entre politicos andavam mais acesas, uma importante reunião de protesto contra a carestia da vida, questão que sobremaneira interessa, não a esta ou àquela classe em especial, mas a todos os trabalhadores, todos os que não possuem o bastante para satisfazerem as necessidades da sua alimentação.

Não assisti a essa reunião e apenas tive dela conhecimento pelo jornal *A Revolta* de 4 do corrente. Sei no entretanto que foi lá aprovada uma moção apresentada por Bartolomeu Constantino, resolvendo protestar contra o rejimen privilegiado da moagem e lembrar ao governo a entrada livre do trigo e mais generos necessarios á alimentação das classes pobres.

No artigo que publiquei no ultimo numero de *Terra Livre* sobre este mesmo assunto, espuz as razões porque discordava da orientação dada á campanha contra a carestia da vida.

Dizia eu que as medidas legais não teriam *por si só* nenhuma influencia na resolução do problema da carestia da vida, que só poderia ser resolvido pela interferencia direta das classes interessadas (neste caso os manipuladores de pão e o publico).

Mostrei tambem que o consumidor não só pela sua heterojeneidade como tambem por falta de organização, não podia conseguir sózinho o barateamento dos generos alimenticios, agora os operarios padeiros, classes que por serem homogeneas e estarem organizadas podem impor aos patrões o barateamento dos generos que manufacturam.

Por outro lado tentei demonstrar a vantagem que teriam os operarios padeiros em levantar a campanha a favor do barateamento do pão, pois que teriam assim a opinião publica a seu favor, impossibili-

tando moralmente o governo de intervir na questão, e apanhariam uma ocasião como poucas para fazerem valer as suas reivindicações, (aumento de salários, diminuição de horas de trabalho, melhoramento das condições hijienicas em que trabalham, etc.).

Mas a campanha continua com a mesma orientação, esperando messianicamente que o governo, o representante dos burguezes, nossos adversarios, se compadeça de nós e se resolva a fazer com que o pão desça de preço!

A mesma moção de Bartolomeu Constantino lembra ao governo «a entrada livre do trigo e mais generos necessarios á alimentação das classes pobres».

Esta medida só contribuiria para o barateamento do preço do pão se o operariado organizado interviesse nesse sentido, porque de contrario aconteceria o mesmo que aconteceu quando se aboliu em Lisboa o imposto de consumo sobre alguns generos que por esse facto não baixaram de preço.

E as outras consequencias economicas da entrada livre do trigo?

Os proprietarios rurais não poderão lutar com a concorrência dos trigos estrangeiros que lhes viriam cercar bastante os lucros, reduziriam a cultura do trigo ou abandoná-la-iam por completo.

Isto representaria um agravamento das condições economicas dos nossos camaradas rurais que haviam de sentir dentro em pouco as consequencias da falta de trabalho mais frequente. Consequentemente o ezodo dos camponeses para as cidades seria mais intenso, vindo aí, por um lado, aumentar o *chômage* forçado, pelo acrescimo do numero de trabalhadores para o desempenho da mesma tarefa, e por outro lado fazer baixar os salários visto que aumentaria a oferta de braços.

O que nós como anarquistas preconizamos para a resolução do problema economico, é a entrega das terras e dos instrumentos de trabalho aos produtores. Mas como estes por ignorancia e por falta de organização não tem *ainda* a força suficiente para se apoderarem coletivamente dos meios de produção, e os que atualmente estão de posse desses meios não estão dispostos a entregá-los espontaneamente, os produtores são levados á luta de classes para a conquista de pequenas melhorias que irão sucessivamente alargando a sua esfera de ação, aumentando as possibilidades de se educarem, de se tornarem mais aptos, mais fortes para a luta final. É a tatica que os anarquistas sempre tem defendido, nesta luta

de classes, é a *ação direta*, isto é, a pressão exercida *diretamente*, sem auxilio de intermediarios, pelos produtores, sobre os detentores dos meios de produção e os parasitas que os defendem e representam.

Não temos pois, parece-me, como anarquistas, que lembrar aos governantes medidas legais para a resolução de quaisquer problemas (e muito menos medidas como as que se tem proposto que nada resolvem).

As medidas legais são *todas más, todas insuficientes* para resolver o problema do pão ou qualquer outro problema.

Não as aconselhamos portanto; não as lembramos. Limitemo-nos a fazer pressão sobre os proprietarios de padarias, grandes moajeiros, etc., sobre todos os parasitas do fabrico do pão, e sobre o governo, seu representante. E eles que resolvam.

A. Quintanilha.

## O Militarismo

Fala-se ás vezes de «um rejime que se apoia sobre as baionetas». Esta frase significa um rejime baseado sobre a força bruta, e oposto ao que se basearia sobre a lei e sobre o direito. Mas esta diferença e este contraste não existem: lonje de entre eles haver antinomia, há identidade. Todos os rejimes politicos ezistentes se apoiam sobre as baionetas: todas as constituições, todas as leis tem por unica sanção o gendarme, e mais nenhuma.

O unico laço que une uma sociedade capitalista—composta como é de classes, cada uma das quais trata do seu proprio interesse egoistico em detrimento do interesse das outras classes—é a Autoridade. A Autoridade é a forma abstrata da opressão concreta do mais fraco por parte do mais forte. Esta abstração incarna-se no homem fardado e armado; incarna-se no soldado. O soldado é pois o simbolo do principio fundamental do edificio do Estado e da Sociedade.

É impossivel derribar este simbolo sem que seja logo abalada e em breve desabe toda a construção. Tirai á atual ordem social e política o principio de autoridade, e ter-lhe-eis destruido a armação, te-la-eis reduzido a um montão de escombros informes.

Atacar ou defender o militarismo não tem sentido algum, se não significa que se ataca ou se defende conscientemente, intencionalmente, o principio da luta dos egoismos de classe e da vitória daquela que estiver mais bem armada e organizada sobre as que o estiverem menos.

Onde está a lógica de todos esses «pacifistas» que sonham

a abolição do militarismo e querem ao mesmo tempo conservar a organização social ezistente? Não se pode conservar esta sem conservar aquele.

Parece que há alguns Estados perfeitamente constituídos que ezercem todas as funções de organismo politico, e que todavia não conhecem militarismo de especie alguma. Mas isso é uma ilusão que uma análise mais atenta facilmente dissipa.

Vejam no entanto: que é o militarismo?

A palavra é vaga. Presta-se a interpretações diversas. Diz-se: «O militarismo não é o facto da ezistencia do soldado; pode haver militares sem que por isso tenha de haver militarismo. É até util que todos os cidadãos se ezercam no manejo das armas, o que lhes dá a confiança em si mesmos e eleva as virtudes cívicas. Significa ser capaz de se defender a si proprio, assim como de defender a pátria. A luta é a condição da vida. É a propria natureza que assim o quer. Devemos preparar-nos metodicamente para a luta. O soldado é um fenomeno normal, biologico, por assim dizer, de cada sociedade. Temos o soldado, mas nem por isso temos o militarismo. O militarismo só começa quando se faz do soldado, não já o meio, mas o fim do Estado, quando o ezercito não é já uma instituição que serve para assegurar o livre funcionamento das outras, mas sim o parasita ávido, servido por todas as energias do Estado: o Estado subordinado ao ezercito e reduzido a pretêsto para ezistencia do ezercito. Todas as forças vivas da Nação converjindo para o quartel e campo de manôbras; todos os esforços intelectuais, todos os progressos científicos, todas as invenções técnicas, tudo aplicado ao aperfeiçoamento das armas; o oficial, tipo ideal do homem na sociedade; as côres do uniforme, o rebrilhar das espadas, os galões, o penacho, supremas ambições dos sonhos juvenis. Eis o que é o militarismo.

Combatei-o á vontade, mas respeitai o soldado, servidor estoicamente dedicado do interesse colêtivo.»

Pois bem! essa linguagem é sofisma puro. O militarismo desenvolve-se necessariamente, inevitavelmente, da propria ezistencia do ezercito.

A China era sempre considerada como um Estado civilizado, como tendo ordem e até um ezercito, embora não conhecesse o militarismo. Na Europa havia a Inglaterra, que desprezava a carreira das armas como a China, havia a Suíça, cujos soldados sob a farda não deixavam de ser livres cidadãos. Os Estados Unidos tinham-se feito o organismo politico mais poderoso do

mundo, sem militarismo e quasi sem ezercito. Portanto, pode haver Estado sem militarismo. Portanto pode-se combater este sem tocar na ordem social ezistente.

Não, se pode, e estes exemplos amiudê citados nada provam.

A China e a Suíça, a Inglaterra e os Estados Unidos apenas tem ezercitos insuficientes. No dia em que o notem, tratam de se fortalecer, de aumentar a força armada, e caem então logo no militarismo. Logo que os ezercitos começam a ter valor para alguma coisa, começam a ser cultivados e aperfeiçoados e em breve se tornam fim para si propios: assim se chega ao militarismo. É a lei de todas as instituições humanas: chegadas a certo grau de desenvolvimento, vivem sómente para si mesmas, querem crescer, perpetuar-se, dominar. O ezercito, naturalmente, não faz escção a esta regra.

Quanto aos defensores do militarismo, acabam por desconhecer o significado das suas tendencias e predilecções. Harpagão esquece-se de que o dinheiro é o simbolo—o representante do valor—mas em si mesmo privado de qualquer utilidade para o homem, e Harpagão acaba por amar o dinheiro pelo dinheiro. Assim o campeão do militarismo perde a noção da força armada e o sentimento do simbolo que é uma tropa organizada, e acaba por amar e admirar o ezercito pelo ezercito.

É preciso não perder de vista o verdadeiro sentido das coisas. O militarismo é o ultimo termo duma serie logica de deducções, a primeira das quais—o ponto de partida—é a aprovação, a admiração da ordem economica, social, politica ezistente. E a luta contra o militarismo não tem sentido se não é luta contra o proprio principio básico dessa ordem. Quereis a Autoridade? Então aqui tendes a força, a baioneta e por fim o militarismo. Uma Autoridade sem sanção concreta não poderia manter-se. O rejime capitalista sem militarismo marcha a direito e rapidamente para o esfacelamento.

Para que uma sociedade civil possa ezistir sem militarismo, necessario é que se baseie sobre outra coisa que não seja a autoridade. Ora, fora da autoridade, só há outro laço capaz de criar e conservar organismos colêtivos humanos: é a solidariedade.

O militarismo não passa dum pára-vento, e nós descobrimos que por trás dele se ajitam essas forças elementares cuja luta determina a evolução da história e que se podem chamar autoridade e solidariedade—ou egoismo e altruismo—ou mais simplesmente, violencia e amor.

Max Nordau.

## CONTOS E VERSOS

## O Corvo

De J. B. Bourjain

Deteve o corvo o vôo, ao ver um homem a trabalhar num pequeno campo, e disse: «Olha como o João amanhã a sua terra».

— João não sou, exclamou o homem erguendo a cabeça; de João sou o filho e trabalho para viver miseravelmente e pagar ao amo pela segunda vez o valor das suas terras.

Continuou o corvo o seu vôo e, além, viu um homem a cavalo:

— Ide com Deus, D. Gil!

— D. Gil não sou, respondeu o fidalgo; de D. Gil sou o filho, e venho para cobrar pela segunda vez, do filho de João, o valor das suas terras.

Passou-se muito tempo.

Deteve o corvo o seu vôo e, ao ver um homem a suar numa geira, disse: «Olha como o filho de João amanhã a sua terra!»

— O filho de João não sou; redargui o homem, enxugando o suor da fronte; de João sou neto e trabalho para viver miseravelmente e pagar ao amo, pela quarta vez, o valor das suas terras.

Prosseguiu o corvo no seu vôo e, mais alem, encontrou um homem a cavalo:

— Ide com Deus, filho de D. Gil!

— Filho de D. Gil não sou, respondeu o fidalgo; de D. Gil sou neto, e venho cobrar, pela quarta vez, do neto de João, o valor das suas terras.

Passou-se muito tempo.

Deteve o corvo o seu vôo e, ao ver um homem a labutar numa eira, disse: «Olha como o neto de João amanhã a sua terra!»

— Neto de João não sou, respondeu o homem; de João sou bisneto e trabalho para viver miseravelmente e pagar ao proprietário, pela sexta vez, o valor das suas terras.

Prosseguiu o corvo no seu vôo e, adiante, encontrou um senhor a cavalo:

— Ide com Deus, neto de D. Gil!

— Neto de D. Gil não sou, respondeu o fidalgo; de D. Gil sou bisneto, e venho pela sexta vez cobrar, do bisneto de João, o valor das suas terras.

Passou-se um século.

Deteve o corvo o seu vôo e, ao ver um homem de enxidão partido, chorando ao lado do seu pequeno campo, disse-lhe: «Porque chora o bisneto de João?»

— Bisneto de João não sou, emendou o homem; do bisneto de João sou neto, e o senhorio acaba de me espulsar dos campos amanhados pelos meus avós, por eu não poder pagar-lhe, pela centessima vez, o valor das suas terras.

Continuou o corvo o seu

## PATRIA

Nasceu um dia a Patria a segurar  
A esverdeada flôr da tirania.  
E essa força que a fez assim criar,  
E' mais um erro aberto á luz do dia!

E' mais um erro! — Monstro a vomitar  
Ondas de sangue e cólera sombria!...  
— Para os famintos — multidão sem lar! —  
A Patria é Zéro — X — e Fantasia...

Por ela, sou herói no assassinio!  
— Posso matar em ansias de estermínio,  
— Posso roubar altivo ou furibundo...

Por ela, o odio imenso das fronteiras,  
— Simbolizado em todas as bandeiras —  
Enche de dôr o coração do mundo!

Miranda Santos.

vôo e, mais alem, encontrou um senhor a cavalo:

— Aonde ides tam depressa, bisneto de D. Gil?

— Bisneto de D. Gil não sou, corrijiu o fidalgo; do bisneto de D. Gil sou neto, e ando a procurar outro João, para que me pague outra centena de vezes, com a sua descendencia, a mim e a todos os meus sucessores, o valor dos campos dos meus antepassados.

Fujiu o corvo a crocitar: «Sou mais feliz que os Jões, pois posso poisar livremente no ramo que eu quizer. Sou mais fidalgo do que os Giles, pois só arranco os olhos aos homens quando estes estão mortos.»

## Páginas alheias

Julgar a nossa moral com a mesma acrimônia que julgamos da moral alheia, eis aí uma particularidade que deve diferenciar os anarquistas, dos propagandistas das outras ideias.

Alguns dos adjetivos que empregamos ao falar dos defectos do proximo, parece-me que não seria inutil recolhe-los e applica-los a nós proprios. Muita vez esquecemos a nossa roupa suja para lavar a do vizinho.

Quando se assiste á reunião de algum grupo anarquista, facilmente se podem notar a defeituosidade da nossa moral e o atraso da nossa educação. A harmonia que desejamos para a humanidade não existe entre nós. As nossas discussões são frequentemente «confusas.»

Em vez de nos instruírmos mutuamente, trocamos alegres apartes só proprios da camara dos deputados.

São numerosas as causas da nossa defeituosidade moral. No nosso campo abundam os «professores de guarda-roupa» e os que jamais intentam sair da categoria de discipulos. Um entusiasmo fatal se apodera do neófito anarquista, mal põe o pé nos umbrais do ideal.

Vaidosos desejos de evidenciar-se o impelem. Apenas leu um simples folheto de Kropotkine, eilo que se lança ás tribunas publicas e sonha com o ver a sua prosa e seu nome nos periodicos. Nomeia Hegel, cita Platão... quando não disserta sobre fisica, astronomia ou antropologia. E tudo isto o intenta desprovido dos mais elementares principios de cultura! Não pensa que para discutir sobre alguma questão é imprescindível conhece-la bem a fundo.

Quem tenha estado na redação d'algum jornal operario conhece os tormentos que causam a leitura dos originaes. Os artigos que nem merecem o qualificativo de «sujeos borrões» amontoam-se sobre a meza de trabalho. Alguns veem acompanhados de selos, outros, quando pertencem aos

correspondentes, veem acompanhado d'uma sugestiva nota assim concebida: «Se publicardes o artigo, aumentai de 2 exemplares na remessa.»

Para remediar um tanto esta pobreza moral impõe-se um profundo labor educativo entre nós. Na redação do jornal ha que ser implacavel com os artigos sem sentido, tanto com os que escreve o conhecido militante, como com os que rabisca o ativo correspondente. Necessitamos fazer compreender que a filosofia anarquista não se aprende no secretariado dum sindicato obreiro. Aos que julgam que com o casar-se civilmente, livrar os seus filhos do confissionario e pagar pontualmente a quota do sindicato ficam anarquistas, temos nós que desenganá-los. Antes de nos condecorarmos com os titulos de professores e de educadores, devemos enriquecer a nossa cultura e a nossa educação assáz pobre e míngua. Nas nossas discussões particulares precisamos pôr de parte os vocabulos acriminosos e substituí-los pelo raciocinio sereno. E os jovens, os neófitos, a lejião de entusiastas e inconscientes preterenciosos que se lembrem que antes de edificar os outros e fazer de professores, devemos educar-nos e instruir-nos a nós mesmos...

NOÉ DESMENGES.

## Problemas economicos

## CAPITAL

(Conclusão)

O capital será tudo quanto quisérem que seja; mas o que as definições dadas e as casuísticas em jôgo não explicam nem justificam é porque a tal riqueza só aparece nas mãos de alguns...

Dada como bôa a condição em que a economia política das cátedras apresenta o capital, todas as conclusões a que a ciência económica dos vivedôres chega, são... lógicas e verdadeiras... Assim, lucros, juros, descontos, lei dos salários, capitalização, etc., etc., tudo isso tem um aspéto aceitavel e... quiçá justo...

Reflicionemos, porém, mais um bocado:

Imaginêmos um homem fenomenalmente constituído que pudésse, por si só, produzir tudo quanto lhe fosse preciso e desenvolvêr-se, em consequência, em tôda a plenitude. Dispondo de toda a terra, iria buscar tudo de quanto carecêsse para as suas eziências físicas, morais e intellectuais, onde quer

que o encontrasse. Ele fabricaria também todas as ferramentas precisas ao seu desígnio. Em suma, faria tudo quanto o progresso tem realizado até aos nossos dias e virá a realizar. Não há maneira, decerto, de contestar o direito que a êsse homem assistiria de usufruir tudo quanto encontrasse e produzisse. Deparava-se-lhe um capital na naturêza; acrescentava-o e fruía-lhe as vantajens. Suponhâmos agora que eram dois os humanos na imensidade da terra; ambos fortes, ambos saudaveis. Evidentemente não se poderia contestar a êsse par iguais direitos a gozar plenamente o produto do seu trabalho e o do afan da naturêza.

Como admitir pois que um dêles se arrogasse a autoridade de dizêr ao companheiro: — «Trabalha tanto quanto eu quizer, porque isto é tudo meu; eu, entretanto, vou deitar-me ali á sombra daquela arvore. Quando eu entender que é bastante, pararás de trabalhar e dar-te-ei com que vejêtes até amanhã, para então continuâres a tarefa.»

Rejeitar-se á semelhante hipótese como absurda, estúpida, injusta?

Pois é isto mesmo que existe na actual sociedade.

Poderá a economia política official sustentar que a riqueza para o sêr, tem de caracterizar-se pela sua limitação em quantidade; que o capital é riqueza destinada a manter os operários enquanto trabalham na produção de outras riquezas; fazer outras que tais escamoteações da verdade, como cousas contra as quais não há que protestar. A verdade é que a felicidade humana, que a economia política verdadeiramente digna dêste nome pretende estabelecer, é vilmente escarneada pela economia política da ciência official que se impôz a odiosa tarefa de procurar demonstrar por  $A + B$ , por cavilozas deducções dos factos sociais, por pretensas leis naturais, que é justo — e fatal como o sol nascêr —, um estado de cousas no qual milhões de homens gemem na miséria para beneficio do capital detido nas mãos de alguns milhares de chupistas.

Objêtar-me-ão talvez que na hipótese figurada, se imaginou a circunstância de sêrem êntes fortes e sádios os dois homens que supuzémos senhores de tôda a terra. Responderei:

Dêsde que a natureza produziu dois sêres, êles devem vir bem equilibrados em toda a sua constituição. Se tal não acontecêr, attribua-se a culpa á organização social que contraria tôdas as leis naturais e estropia a obra da naturêza pelo contrasenso e injustiça das suas leis artificiais. Mas, admitindo mesmo que um dos dois habitantes da terra em questão fosse doente, fraco, estúpido, ou velho, há um direito com que a naturêza igualmente dotou

tôdos os homens: o direito á vida. Ora este direito ezije a *satisfação integral* das necessidades de tôdo o sêr, quer êle seja são ou doente, velho ou nôvo, inteligente ou estúpido, sábio ou ignorante. Por consequência toda a ciência económica que estatuir: *tôdo o sêr menos favorecido em dotes morais ou físicos não têm direito a ezijir uma migalha insignificantissima do lauto banquete da naturêza senão á custa dum estenuante trabalho em beneficio dos mais bem dotados; que o trabalho deve produzir menos benefícios para o trabalhador do que para quem náda faz, só porque êste se atribuiu a posse do que a todos pertencía, essa ciência é falsa, e, além de falsa, odiôsa.*

Portanto, diga a ciência burguêsa o que quisêr: diga que não vale a pênna indagar como se reuniu o primeiro capital; que o capital é riquêza que produz nova riquêza; que os meios de produção se reduzem a terra, capital e trabalho; que o trabalho não pôde produzir sem capital, porque ainda que mais não seja, êsse capital deve sêr a *última refeição injerida*; sustente que a máxima parte dos proventos do capital devem pertencêr a êste; que o salário não pôde ir além do indispensavel para o trabalhador vejetar e reproduzir um substituto; numa palávra, bairralhe, confunda, misture, crie um acervo de mistificações, separe, divida e subdivida, oculte sôb definições tendenciosas e todas as restrições mentais imagináveis, o verdadeiro fundo da questão económica; faça tudo quanto quisêr; por mais que diga e faça, não consegue destruir esta verdade:

E' que se a naturêza forneceu a tôdos os homens a *terra livre*; se a tôdos os homens deu facultades de *trabalho também livre*; e se hoje só um pequêno número dêles têm a posse dessa riquêza e enorme maioria se vê privada dêsse bem; se atualmente o homem não pôde trabalhar como quer, quando quer e pelo tempo que quer, tudo isto é porque a violêcia, a astúcia e sempre o dolo, desapossaram milhões de homens dessas regalias em proveito de algumas centenas de outros homens.

E a corroborar estas conclusões, vêm a história antiga, a moderna e a contemporânea também, prênhes de narrativas, descrições e mais resenhas de conquistas pelas armas, de sonegações pelas leis, de esbulhos pela diplomacia, pela fraude, por tôdos os enbustes que as civilizações têm inventado.

A organização social é caracterizada pela *constante espoliação* do maior número em beneficio do menor. E tôdas as suas leis, tôdos os seus artificios, inclusivê os científicos, tendem a êste fim: *desapossar a outrem*. Isto é:

O *capital*, como êle eziste e com é compreendido na sociedade hodierna, é o roubo.

A frase é dura, mas verdadeira.

Demais, está consagrada por um lúcido espírito que sôbre tal assunto se manifestou: éla não é oriijinal meu.

José Carlos de Souza.

## RESPONDENDO A UM INQUERITO

# SINDICALISMO E ANARQUISMO

Meus Amigos:

Em face da historia é licito certificar que á medida que o progresso social se realiza, a intervenção da autoridade organizada em poder politico — Estado — tende a desaparecer, a eliminar-se, e, consequentemente, também, aqueles que a ezercem, a desempenham.

A' medida que os individuos se educam, criam uma consciencia social, á medida que o saber se espalha, se desenvolvem os conhecimentos científicos, se cria uma tecnica no trabalho e nasce a organização industrial quer simplesmente agricola, quer transformadora — o sêr humano vae sentindo a necessidade de paz e concebe, compreende, alfim, que o seu interesse está não nas lutas, nas guerras, mas na paz, na solidariedade; não na rapina, mas no trabalho.

A' medida que o sêr humano adquire a ideia da previdencia — sinal característico duma intelligencia — os seus costumes vão-se pacificando, porquanto o cerebro humano começa a vêr que os beneficios do trabalho, da paz são superiores aos da guerra e que ha muitissima mais utilidade e menos contingencias da sorte, na aplicação da sua atividade, lavrando e cultivando a terra e transformando os seus produtos numa maior utilização do que mantendo e roubando os seus semelhantes tidos e havidos como inimigos figadais.

E' incontestavelmente um progresso a fase social em que a vida do vencido já é poupada para o reduziem á escravidão, se a compararmos com a fase social anterior em que o vencido é chacinado raivosamente, e, porventura, não raras vezes, devorado no proprio lugar do combate.

Nessa fase ha já uma previdencia, embora rudimentar: a conservação da vida dum sêr que pode tornar-se util pela exploração do seu trabalho.

Mas muito maior progresso ha ainda quando a intelligencia humana atinje o grau de conceção em que vê que o seu interesse está na combinação de forças, no reciproco e contratual entendimento de atividades, trabalhando uns para os outros, quer vivam dentro do mesmo territorio, quer fóra dêle.

Os conhecimentos humanos aumentaram e alargaram o ho-

rizonte intelectual. Atinjindo a intelligencia humana em certo grau de intensidade em que a ideia de tempo toma nele consciencia sob a formula triplice do passado, presente e futuro e que o rejime de não utilizar as lições do passado e de não pensar no futuro e de só vêr o presente, quer êle seja abundante, quer escasso, não é agradável nem util — as recordações de fomes alternadas de períodos de indigestões, fazem-lhe sentir a necessidade de criar um futuro em que as fomes sejam menos frequentes em virtude da ezistencia dum previdente patrimonio quer êle seja uma simples reserva material, como por ezemplo o pouparem a vida ao vencido para o tornarem um escravo, um trabalhador, quer na criação dum trabalho organizado na idealização duma colheita futura, e não imediata, de utilidades.

Esse trabalho organizado, — de semear para colher — em vista dum futuro, duma previdencia incompatibiliza-se com a luta, com as razzias.

A produção ezije um trabalho de dia a dia, de hora a hora, sem interrupções e numa converjencia de esforços individuais e sociais. A luta quebra essa continuidade tão necessaria e acarreta a dispersão de forças.

Portanto á medida que as sociedades se industrialisam, que adquirem, como diz Spencer, o *tipo industrial*, élas sentem, elas são forçadas a afastarse das aventuras guerreiras e a perder o *tipo militar* que a ignorancia e ferocidade primitiva fizeram aparecer.

A organização industrial das sociedades é o que tende a predominar, por mais esforços que empreguem os que vivem dentro ou á sombra do tipo guerreiro-politico.

A trindade politico-guerreiro-sacerdotal, defende-se raivosamente; pretende á força, pela violencia predominar em nome dum perigo nacional, duma ordem publica ou duma patria exclusivista e muito pessoal, mas a organização industrial, a economica, base é fundamento de *todas* as sociedades começa já a *cortar-lhe os viveres* e quer queiram quer não, mesmo á custa de muito martirio por parte dos povos e muita arbitrariedade e canibalismo por parte dos mandantes, estes hão de ceder perante a *necessidade social* (que é mais do que a sim-

ples necessidade politiquera) perante as leis sociologicas que são bem mais superiores do que os enjendrados por parlamentos — essas fabricas de abortos sociais, gerados por cretinios e matoides, alcoolizados por um delirio paranoico de grandezas e de perseguições.

O progresso humano assim o ezije, o tem ezijido e o ezijirá.

E' certo que a humanidade ainda dá o triste espetaculo politico-guerreiro, das guerras feitas e desfeitas pela vaidade dos imperantes, mas também é certo que já não encontram eco nas multidões e que sintomaticamente a par dessa *superioridade politica* ha o desprezo profundo das massas populares pelas guerras...

Ao passo que a diplomacia se entretém em conciliabulos e os reis, os imperadores, os presidentes de republica e os estadistas — oh! os grandes estadistas! — dizem vaidosamente a ultima palavra sobre a paz ou a guerra, a grande massa dos povos permanece pacifica, sem odios estrangeiros e só receando que a estulticia dos governos politico-financeiros lhes venham prejudicar a vida, obrigando-os, em nome duma defeza desnecessaria, a abandonar a charrua ou o tear para pegar numa arma que espalhará a morte e a desolação entre os seus semelhantes, os seus irmãos de trabalho.

Compare-se o que tem dito e propalado as chancelarias a proposito dos Balcans e o que tem sido a conduta das populações e essa sintomatica aversão contra as aventuras guerreiras por parte delas, torna-se bem evidente.

E' que os povos sabem já que o seu interesse está no trabalho, que a guerra e todas as manifestações guerreiro-politicas são apenas operações financeiras escandalosas, proteções a favor do capitalismo e ao qual se vende a imprensa nas suas tendenciosas campanhas patrioteiras.

Este é um *facto*. Vejamos ainda outros.

Adolfo Lima

## Espediente

Terminando com o presente numero o primeiro trimestre da publicação do nosso semanario, consideramos renovadas as assinaturas daqueles assinantes que até á publicação do numero imediato nos não ordenem a suspensão jornal.

Dos nossos agentes esperamos o favor da liquidação imediata das suas contas relativas ao mez de abril.

## Os deserdados

### II

Eu quero ser livre, não o posso ser porque á volta de mim não o querem ser todos os homens, e não o querendo ser, convertem-se para mim em instrumentos de opressão.

M. Bakounine.

Estamos no seculo XX, e quando milhares e milhares de criaturas, numa furia doida emigram a países estrangeiros em busca de trabalho sempre ezaustivo e mal remunerado, ha no nosso país grandes estensões de terras incultas que nada produzem, quando habilmente cultivadas segundo os preceitos da agronomia, debelariam a crise que atravessamos, visto que elas produziriam tanto quanto as necessidades do povo eziem, quando fossem póstas em comum, como aspiram todos os que comungam nas nossas ideias redentoras.

Os seus opimos frutos, manancial inesgotavel, saborea-los-iamos, entre hinos entoados á natureza; e, com os instrumentos agricolas que a mecanica pôz á nossa disposição, o trabalho seria tão bom, tão doce e tão risonho, quão hoje é odioso, mortifero, homicida e abominavel, atentas as suas condições, que tudo prodigaliza ás classes privilegiadas e tudo nega ás classes proletarias e assalariadas que rebentam de fome.

A terra, a mãe prodiga, encerra no seu seio tesouros inapreciaveis, indispensaveis á vida; mas a ganancia incomensuravel da burguezia cria todos os atritos possiveis á agricultura que fenéce entre espasmos de fome e dor de milhares de seres humanos.

As teorias de Malthus são apenas uma adaptação do sistema burguez-capitalista da actualidade, com ezercito, policia, majistratura, rejime economico, exploração, livre concorrência; mas a esperiencia propria, o conhecimento da causa dos trabalhadores são seus melhores conselheiros para que não se iludam com vans proméssas de políticos, que já-mais cumprem, pois que o seu objetivo é assenhoriarem-se das rédeas governativas como satisfação ás suas vaidades; e, se assim o ezije a chamada ordem social burguez, não trepidam em mandar metralhar o povo na rua se êle se lança em qualquer movimento de revolta, que seria justo na opposição, mas que é criminoso quando no poder.

Abram os operarios, os trabalhadores, os produtores enfim, as brochuras do socialismo em geral, mas especialmente as dos economistas do socialismo anarquico; estudem os seus vastos e profundos conhecimentos, e convencer-se-ão de que todo o ezistente não é uma fatalida-

de e que as escorias do padre inglez, são absurdas, crueis, despoticas, burguezas, visto o inal provir do sistema produtivo se achar açambarcado na mão de uma pequena minoria de capitalistas exploradores que se guerreia entre si, impelindo os povos, de nação para nação, á guerra fratricida e brutal para a conquista de mercados, para a manutenção do que eles, em linguagem financeira, classificam de «os nossos interesses».

A espropriação universal impõe-se já como uma necessidade urgente, pondo-se em comum a produção e o consumo: a questão social, não póde ser salucionada doutra forma.

Neste pandemio iniquo e brutal, de exploração capitalista, dá-se o fenomeno paradoxal do escéssio de produção, quando milhões de trabalhadores famintos e andrajosos, não tendo onde se abrigar das intemperies, se deixam cair no meio da rua vencidos pela miseria, cansados da vida, não se atrevendo a lançar-se a um pão, sob pena dos homens da toga os encarcerarem nas celas presidiarias, emquanto ladrões, de peito coberto com condecorações de honra, passeiam pelas ruas guardadas pelos filhos do povo tornados cerberos do proprio povo.

Este fenomeno social estende-se a todos os países constituídos, ressentindo se, porém, com mais intensidade nos países classificados de emporio da civilização, do progresso e dos bons costumes morais. E' porém, irrefutavel que o principal fautor destas miserias sociais é o analfabetismo do povo relegado á condição de autómato.

Gulphilhares 1913.

Manuel Luiz da Costa Junior.

## A criança de mama

por Michel Petit  
(Continuação)

### A ama

Após ter lançado ao mundo a criança que durante mezes alimentou com a sua propria substancia, a mãe deve ainda fornecer-lhe, durante perto de um ano, o unico alimento que ela póde assimilar: o seu leite. E' esta uma lei natural comum a todos os mamiferos, e que se manifesta pela subida do leite nas tétas, pouco depois do parto.

Amamentar um filho é continuar a obra da procriação; é tambem, enquanto êle bebe a vida no seio materno, a melhor occasião, para a mãe, de observar, de tomar cuidado nêle, de apreciar o seu desenvolvimento e o seu estado de saude.

Entre o pequeno ser, em quem insensivelmente desperta uma consciencia, e a mãe que assiste a esse delicioso espé-

culo, cada mamadéla é uma cêna de amor, uma fonte de felicidade, da maior, da mais segura felicidade que eziste no mundo.

O facto de haver mães que podem privar-se de tal felicidade basta para nos demonstrar quão errados são os caminhos em que a humanidade ás vezes se transvia, na procura de melhores condições de ezistencia.

Ha mães que não querem amamentar com mêdo de deformarem os seios, de se fatigarem, ou tão sómente para não abandonarem os seus habitos de prazer. Não é porém para essas que eu escrevo.

Há as que, bem intencionadas, receiam não serem boas amas, já porque o leite lhes parece insufficiente ou a sua saude pouco brilhante, já porque os bicos dos seus seios são achatados, pouco proeminentes.

Quasi sempre, porém, estes temores não têm fundamento. As unicas doenças que podem impedir uma mulher de amamentar são as doenças inféciosas, contagiosas, de que ela pode estar atacada. Este proprio caso, algumas vezes não é mais do que uma causa; apesar de suspensão momentanea do aleitamento, e certos medicos teem permitido que mães amamentem seus filhos, sem inconveniente, durante uma febre tifoide, mediante certas precauções muito simples e desde que se constate um estado geral satisfatorio da doente.

Fóra dèstes casos, a mãe póde empreender a tarefa da amamentação, mesmo que seja de constituição fraca, anémica de longa data e ainda enfraquecida pela gravidez e pelo parto. Tanto ela como o filho só terão a lucrar com isso. O appetite aumentará, a saude melhorará, e o leite, fraco e raro ao principio, tornar-se-á de dia para dia mais rico em materias nutritivas e abundantes.

A criança que, em tais condições, nasce em geral debil, beneficia com um alimento ligeiro apropriado á sua capacidade dijestiva, e o seu desenvolvimento seguirá a evolução da saude e do leite da mãe.

Quanto ao achatamento dos bicos do seio, só em casos muito raros é que constitue obstáculo insuperavel á amamentação, a propria criança os desenvolve tentando incessantemente agarrar-los; com alguma paciencia da parte da mãe, consegue-se isso ao fim de um ou dois dias, o macimo. De resto póde-se usar para tal fim, de um tira-leite, instrumento em vidro de que ha muitos modelos. Finalmente a mãe pode ainda desenvolver os bicos dos seios deixando-se mamar por um outro filho ou pelo marido. Deve porém precaver-se contra os serviços de uma pessoa estranha, como é de uso nos cam-

pos, pois se conhece o caso de uma que em Condé (França) transmitiu assim a sífilis a 14 pessoas.

Logo que os bicos dos seios se encontram suficientemente salientes para que a criança os possa agarrar, a mãe deve tomar a precaução de não usar vestuario apertado, especialmente espartilho, o que os achataria de novo.

De resto se o uso do espartilho é perigoso para qualquer mulher, muito mais o é ainda para aquela que acaba de ter um parto e amamenta. Refiro-me é claro aos espartilhos guarnecidos de barbas de baleia, armados de molas, productos de uma estética viciosa — e não aos espartilhos de pano, que se prendem com alças aos ombros, podendo sustentar as saias e permitindo o livre jogo de todos os orgãos e de todos os musculos. Estes são ao mesmo tempo uteis e cómodos.

## Movimento libertario

### FRANÇA

#### Congresso anarquista.

Está marcado para 15 a 17 de agosto, em Paris, o congresso dos anarquistas franceses. Das respostas ao questionário dirijido aos grupos militantes, resulta que serão discutidas, em primeiro lugar, as questões seguintes:

Atitude dos anarquistas nos sindicatos e cooperativas;

Meios de fazer malograr uma mobilização, uma guerra; antimilitarismo, antipatriotismo;

Antiparlamentarismo; conduta dos anarquistas durante a luta eleitoral;

Propaganda nas cidades e campos; organização dos anarquistas bazada sobre o federalismo rejional; necessidade e modo de os unir a todos; definição da sua ação.

Além destas questões, muitas outras foram propostas: estabelecimento de um laço internacional; a sociedade futura após a revolução; a nossa atitude para com os socialistas democraticos, os governantes, a maçonaria; se se deve ou não ir voluntariamente para o rejimento e, em caso de processo, para a cadeia; caixa de solidariedade; neo-malthusianismo; cooperação comunista; questão agrária; greve geral, etc.

Ao congresso podem aderir os grupos e individuos que lutem pela organização duma sociedade comunista sem autoridade.

### ALEMANHA

#### O movimento anarquista.

— Ha quatro meses que em Berlim se publica um semanário anarquista, *Der Pionier* (O Pioneiro), escelente sob o ponto de vista tanto libertário como literário. Tem publicado artigos teóricos de grande valor, assim como reminiscências históricas sobre a época das leis celeradas de Bismarck e dos «atentados anarquistas».

O movimento anarquista desenvolve-se animadoramente na Alemanha. Por todos os bairros de Berlim e seus arredores se estende uma União dos grupos libertários, cujos membros são duma atividade notável. Fora de Berlim há grupos importantes em mais de vinte grandes cidades.

A propaganda antimilitarista faz também grandes progressos. Ainda recentemente, o proletariado de Dresda e arredores, reunido em nove grandes comícios, aos quais assistiu uma multidão imensa, protestou vibrantemente contra os projetos militares do governo e contra qualquer ideia de guerra. Em todo o país se repetem as manifestações deste género.

OPINIÕES E ALVITRES

## TRIBUNA LIVRE

Tem o anarquismo, como é sabido, as suas bases filosoficas, morais, politicas e economicas, que o distinguem, por completo, das demais doutrinas sociais, como a síntese perfeita de toda a moderna ciência que tem por objetivo o estudo do homem e da sociedade. Ha, no entanto, assuntos variadissimos que com ele se prendem e sobre os quais diverjem as opiniões dos camaradas. Para a sua exposição e estudo inauguramos hoje esta secção, que muito proveitosa reputamos para o progresso das ideias e entendimento dos militantes. Todos, aqui, ficam tendo a maxima liberdade de espor a sua maneira de pensar, sujeitando-se apenas ás emendas gramaticais que a redação entender convenientes. Uma só coisa pedimos: que se abstenham, por completo, de questões pessoais e do emprego de linguagem acrimoniosa.

Cumpre-nos ainda dizer por os artigos nesta secção publicados — e que não irão nunca alem de duas colunas — serão da responsabilidade dos seus autores. Quando os não desejem assinar, nenhuma duvida teremos em publica-los desde que particularmente conheçamos a sua autoria, sobre a qual, inutil é dizê-lo, guardaremos rigoroso sigilo.

### Rejicidios

Os reis são monstros sociais criados pela nossa ferocissima estupidez. São a encarnação do nosso orgulho, do nosso despotismo, da nossa crueldade.

Gerou-os a nossa loucura e como o homem é um carrasco de si proprio, eles são por fim as nossas vítimas quando tentamos remediar os nossos erros.

Cada rejicidio é pois uma espiacção, o inutil sacrificio duma vida humana á remissão das nossas culpas.

Praticamos em comum toda a especie de crimes e quando o mal fabricado por nossas insensatas mãos, prestes a fulminar-nos, é sem remedio, temos ainda a cobardia de tornar responsavel por ele um unico homem.

Vem de traz o mal, e ás gerações que nascem é imposto violentamente o prejuízo dos artificios daqueles que antes viveram, sempre na disputa e no odio.

E' como se estivéssemos brincando com uma criança confiando-lhe uma arma que ela inespicientemente vai desfechar sobre nós, sorrindo, e para evitar-lhe o golpe a matássemos primeiro.

Nas mãos dum só homem entregamos a nossa vida, a nossa propriedade, a nossa honra, a liberdade enfim que acima da mesma vida deveriamos presar e defender como condição absoluta dela, e quando esse desventurado objeto do nosso doentio capricho tenta ferir-nos com a força que lhe emprestamos, nós em legitima defesa coletiva ezeçutamo-lo.

Sou declaradamente um libertario individualista, mas nunca compreendi no que aproveita ás minhas ideias a morte dum homem, seja ele um rei ou um maltrapilho. Tanto como ao sol pode molestar uma bala do mais potente canhão.

O rejicida é um sacrificio no calvario do nosso invenci-

vel egoismo. A sua sublime corajem é feita da nossa infinita cobardia. A arma homicida que aperta na mão crispada vai embebida dum tardio remorso.

O coração pulsa-lhe violentamente no peito ansioso e o nosso deixou de bater como se nos estrangulasse já o laço da força que espera. Armamos aquele braço vingador no ultimo desespero, porque nos faltou oportunamente a noção da dignidade humana.

José Salazar.

### O Esperanto demolidor de fronteiras

Entre os meios de propaganda para conseguir o aniquilamento das fronteiras e a consequente fraternidade dos povos, apresenta-se-nos o emprego duma lingua auciliar internacional.

De todas as tentativas, até hoje realizadas, só o Esperanto conseguiu finalmente sair vitorioso, visto ser uma lingua, artificial sim, mas a mais facil, racional, harmoniosa e simples de todas.

A sua aprendizagem faz-se em dois mezes. O seu uso aproxima-nos dos nossos irmãos mais distantes e diversos. Logo que a sua propagação esteja suficientemente feita, a comunicação das ideias e dos homens terá atinjido o seu auge.

Acabarão os odios de raça, e não terá razão de ezistir a guerra, porque estará aberto o caminho para o internacionalismo.

Os livros, sobre conhecimentos uteis, poderão ser logó escritos em Esperanto, o que evitará traduções e aumentará a tiragem, barateando o seu custo. E' pois, intuitivo que todo o homem livre deve aprender o Esperanto, procurando responder-se para todos os países civilizados, porque concorrerá para a mais rapida extinção do Passado e trabalhará no desbravamento da estrada do Futuro. — A. C.

## TERRA LIVRE

Semanário anarquista

(Publica-se ás quintas feiras)

Orgam de luta social e economica.— Tribuna amplamente aberta ás reivindicações dos trabalhadores.— Analise e comentarios dos factos capitais da vida social e politica portugueza.— Desenvolvimento noticiario do movimento operario internacional.— Desenhos e caricaturas demolidoras.— Concursos scientificos e inqueritos para o conhecimento do problema economico e social da rejião portugueza.— Correspondencia da provincia e do exterior.— Secções de ciencia, filosofia, arte, educação, literatura e critica.

Corpo redatorial:

Carlos Rates— Neno Vasco— Pinto Quartim— Sobral de Campos.

Colaboradores:

Adolfo Lima — Afonso Manaças — Araujo Pereira— Aurelio Quintanilha— Bel-Adan — Campos Lima — Clemente Vieira dos Santos — Emilio Costa — Gaspar dos Santos — Humberto de Avelar — Ismael Pimentel — José Bacelar — José Benedy — José Carlos de Sousa — Manuel Ribeiro — Edmundo d'Oliveira e outros.

### Condições d'assinatura

(Pagamento rigorosamente adiantado)

Para Portugal, Espanha, ilhas e colónias portuguezas

(Incluindo o importe do correio)

1 mês (só para o continente)	100
3 meses.....	300
6 meses.....	500
1 ano.....	1\$000
Numero avulso.....	20
Pacote de 50 exemplares (fora o porte do correio) ..	500

Para o Brazil (moeda fraca)

(Incluindo o importe do correio)

6 meses.....	2\$400
1 ano.....	4\$800
Numero avulso .....	100
Pacote de 50 exemplares ..	2\$500

### Extérieur

Trois mois.....	2,50 fr.
Six mois.....	5 »
Um an.....	10 »
Prix du numéro .....	0,25 »

Não se satisfazem pedidos de assinaturas que não venham acompanhados da respectiva importancia em ordem postal ou estampilhas continentais. Quando a cobrança tiver que ser feita pelo correio acresce a despesa correspondente.

Pedimos a todos os nossos leitores e amigos que façam a maior propaganda ao nosso jornal.

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

RUA DAS GAVEAS, 55, 1.º

LISBOA

Ajentes aceitam-se onde ainda os não haja  
"Terra Livre" encontra-se á venda nos principais quiosques e tabacarias

## Encontram-se á venda

### nesta administração

destinando-se o produto a aucilio do nosso jornal, as seguintes

### PUBLICAÇÕES

**Postais "Terra Livre,"** impresos em magnifico cartão de côr, ilustrados com uma sugestiva alegoria do distinto caricaturista Rocha Vieira e inserindo um resumo das ideias libertarias pelos camaradas Adolfo Lima, Araujo Pereira, Neno Vasco, Pinto Quartim e Sobral de Campos — cada... 10 réis.

\* Os mesmos em cartolina — 300 réis o cento; pelo correio 350 réis.

\* **Os bastidores da guerra,** de Pedro Kropotkine — cada folheto de 24 pájinas 30 réis.

\* **Ferro Velho,** versos de Araujo Pereira — cada 50 réis.

\* **Um pai,** entre-áto orijinal de Araujo Pereira — 20 réis.

\* **A questão social,** de Campos Lima — cada folheto de 32 pájinas, 20 réis; 25 exemplares, 300 réis; pelo correio, 350.

\* **O Dogma e a Ciencia,** de Emile Janvion — folheto de 100 pájinas, 60 réis.

\* **Coleção da revista A'manhã** (6 números) 100 réis; pelo correio, 120.

\* **La guerre,** de Pedro Kropotkine (publicação de *Les Temps Nouveaux*) 20 réis.

\* **A bas les chefs!** por Dèjacques (publicação de *Les Temps Nouveaux*) 20 réis.

E' inútil incomodarem-se a escrever-nos fazendo pedidos de livros e folhetos sem que esses pedidos sejam acompanhados da respectiva importancia, porque não os satisfaremos.